ANO 33.º — Sábado, 30 de Março de 1940 — N.º 1622

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua dos Combatentes da Grande Guerra—Telefone 125—AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
MANUEL ALVES RIBEIRO
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—AGÊNCIA HAVAS

A FINLÂNDIA

Depois de se ter batido bravamente, com galhardia e heroísmo, que ficarão históricos e inesquecíveis, a nobre Finlândia baqueou, teve de ceder perante as cobardias, as traições e as imposições da fôrça tecidas à sua volta.

Na sua luta destemida, valente e corajosa prestou os maiores serviços à Humanidade e à Civilização Ocidental.

Pôs a nu as fraquezas, as misérias e as insuficiências da mais variada natureza, da mecânica comunista, da máquina militar russa, que nunca poderá representar para os aliados um perigo invencível.

Presentemente triunfa a fôrça bruta, a violência e o espírito de dominação.

A mutilação da Finlândia não causou verdadeiramente nenhuma surpreza. No Báltico, a Rússia e a sua aliada, têm todas as vantagens, todas as possibilidades de mandar, de impôr e de dominar.

A Finlândia resistiria até lho consentirem. A Suécia e a Noruega, depois dos imposições secretas feitas, recusaram-lhe o seu auxílio e não permitiram que tropas aliadas e até armamentos atravessassem os seus territórios para socorrer a Finlândia.

Fizeram bem? Fizeram mal? Há, pelo menos, duas maneiras de encarar os acontecimentos. Sob o ponto de vista moral deviam fazê-lo. Sob o ponto de vista do interêsse, do instinto de conservação, das circunstâncias difíceis e da natureza real das coisas, não o fazendo, evitaram transformar os países escandinávios em um braseiro de guerra. Ganharão com a escolha dessa atitude? Não o sabemos. O tempo o dirá. Todavia, enquanto o *pau vai e vem folgam as costas.* A posição dos aliados era delicada. Sem uma base sólida terrestre não podiam eficazmente socorrer a Finlândia. Com a recusa da Suécia e da Noruega essa base desapareceu.

Podiam fazê-lo, atirando-se desassombradamente e invadindo os países escandinávios.

* * *

Se a sua alta e suprema causa, se os grandes interêsses materiais e morais europeus em jogo, dependessem dêsse acto, deviam fazê-lo sem hesitar, sem a menor vacilação.

Mas não se trata de nada disto como tôda a gente sabe. Por ora não chegou o momento psicológico, decisivo, fulminante, que há-de determinar para que lado se decide a dura contenda, que se está travando.

Invadir a Suécia e a Noruega contra sua vontade era criar inimigos. Era complicar a defesa que se ia tentar. Era praticar actos atentatórios, que têm servido para colocar num justo plano de imoralidade e de brutalidade os adversários. E' certo que em tempo de guerra não se limpam armas. Entretanto as atitudes morais devem manter-se a todo o custo. Só quando a realidade nos indica que não há outra solução, então é que se devem pôr de parte. A própria fôrça precisa de ter um fundamento moral.

Além disso a campanha tinha as suas dificuldades, os seus obices. Os abastecimentos eram difíceis. Só podiam ser feitos por mar. A campanha era nitidamente arriscada. A pesar da boa vontade dos Aliados, a que os chefes finlandeses prestaram homenagem e justiça, acredito facilmente que a campanha em perspectiva não era tentadora, não era aquela vitória *limpinha*, que é preciso obter e que será de efeitos incalculáveis.

E precisamente para os aliados saberem que a questão finlandesa era de pouca duração, é que êles se prepararam e preparam activamente no Oriente, pois aí têm todas as condições para atacar vitalmente e dar ao colosso russo a implacável lição de que há tanto tempo carece.

Confiemos em Deus, na justiça das vítimas imoladas e nas armas dos Aliados, que são poderosíssimas.

J. Carreira

Efemérides

30 de Março

1890—Realizam-se eleições gerais para deputados, vencendo em Lisboa a lista republicana.

1911—E' publicada a primeira reforma do ensino primário dentro do regimen republicano.

1912—Morre o almirante Augusto Castilho.

De muito comer...

Há pouco foi torpedeado um cargueiro inglês—o *Suetam Star*—que trazia a bordo 8.000 toneladas de carne e 1.000 de manteiga correspondente a dois dias de racionamento no país de Gales.

A güela do Oceano!

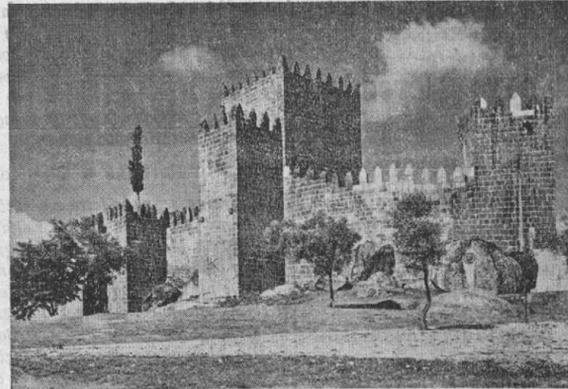
Muito vem ela devorando!

Limpeza da cidade

Insistimos e insistiremos continuàdamente por aquilo que consideramos uma obrigação. Agora que a cidade se apresenta de ponto em branco não faz sentido que se deixem crescer as ervas nalgumas ruas e que em certas artérias as valêtas se apresentem imundas, cobertas de sugo e a exalarem mau cheiro.

A' entrada da cidade, por exemplo, temos nêsse estado as das ruas Aires Barbosa e de Ílhavo e no populoso bairro da Beira Mar a rua que tem o nome de D. Jorge de Lencastre. Aqui não existe cano que dê vazante às escorrências e por isso elas se encontram estagnadas em frente das casas, à vista de tôda a gente, a dar uma péssima impressão do que diz respeito à limpeza da cidade a cargo da Câmara.

Providências solicitamos, pois, em nome do asseio e da higiene.

As festas centenárias

O CASTELO DE GUIMARÃIS

Na cidade de Guimarãis comemora-se, em 4 de Junho, o centenário da fundação de Portugal, com a assistência do sr. Presidente da Rèpública e do Govêrno. A bandeira de Afonso Henriques será hasteada pelo Chefe do Estado na tôrre do castelo de Mumadona e ao mesmo tempo repicarão os sinos em tôdas as igrejas do Império.

A' noite, na antiga cidade do Minho e junto do mesmo monumento, representar-se-à o *Auto da Fundação.*

Êste número foi visado pela Censura

IMPRENSA

Defesa de Espinho

Êste nosso presado colega, proficientemente dirigido por Benjamim da Costa Dias, com cuja amizade muito nos honramos, acaba de entrar no novo ano dùma existência de efeitos salutares para o concelho, o que registamos com afectuosos cumprimentos. E desejando à *Defesa de Espinho* que a vida se lhe prolongue, votos fazemos também pelas suas máximas prosperidades.

PORTA MOEDAS

Chegaram à Casa Souto Ratola, constituindo uma novidade por se apresentarem como recordação de Aveiro.

O Democrata agradece a oferta, mesmo vasia...

Club Mário Duarte

—o—

O programa comemorativo do 36.º aniversário dêste grémio local é o seguinte:

Dia 6—Uma salva de 21 morteiros ao hastear da bandeira na sua séde e baile de gala nos seus salões, às 22 horas.

Dia 7—Romagem ao cemitério central em homenagem aos sócios falecidos, pelas 11 horas, e às 13 almôço de confraternização dos vivos no Arcada-Hotel.

Semana Santa e Páscoa

—o—

Passaram as solenidades que noutros tempos marcaram, em Aveiro, pela imponência de que eram revestidas. Dentro das igrejas pouco mais de nada; fóra: as procissões do Hecce-Homo, do Entêrro e da Ressurreição, com ordem e decência, mas sem o lusimento antigo.

A decadência a manifestar-se cada vez mais de ano para ano.

BAILE

— . —

Realiza-se esta noite no vasto salão do *Recreio Musical Esgueirense*, sendo abrilhantado pela orquestra-jazz *Danubio Azul*, de Souzelas.

Agradecemos o convite.

As dificuldades da Imprensa

continuam a agravar-se devido, principalmente, à carestia do papel

Transcrevemos do último número do *Correio da Feira*:

Temos lido em todos os colegas da província, que nos visitam semanalmente, referências lamentando as dificuldades porque passam actualmente, não só pela enorme carestia do papel mas também de todos os artigos da arte gráfica.

São lamentações bem sinceras, bem justificadas, dos que se vêm envolvidos na grande crise em que a guerra os veio embrulhar, e nós nos contamos no rol dos oprimidos.

Para que os nossos leitores conheçam a desigualdade do preço do papel, agora e antes da guerra, diremos que actualmente, no Porto, custa **oitenta escudos e oitenta centavos** cada resma de mil fôlhas; antes da guerra essa mesma porção custava 35$00 a 40$00 escudos.

Mais do dobro!!!

Com outros artigos para a impressão do jornal regista-se aumento equivalente.

A pequena imprensa, agora assim oprimida, sem que possa obter da sua indústria o numerário necessário para contrabalançar o aumento da despeza, pede providências para que seja reprimida a ganância das fábricas e dos papeleiros, mas até hoje nada a veio favorecer.

Não está certo que se poupem os exploradores da guerra que aumentam dezenas de escudos ao seu produto e se prenda e se mande para o tribunal uns negociantes de cebola que aumentam a êste produto uns míseros centavos.

Na guerra de 1914-18 houve também um aumento no preço do papel de impressão, mas não foi a mais de 65$00, que era a quanto se elevou cada resma de papel de mil fôlhas. Por êsse tempo tivemos de restringir a duas, as páginas do jornal, para não aumentar a assinatura.

Por sua vez, *A Ordem*, semanário católico do Porto, bem protegido pelo clero, escreve:

E' triste dizer-se, mas a verdade é que mal começou ainda a guerra e já são maiores do que na Grande Guerra as dificuldades para se obter papel de jornal.

Desde que eclodiu a guerra entre os aliados e a Alemanha, *o papel de jornal encareceu 80 por cento.*

Não queremos fazer comentários à possibilidade dêste aumento espantoso. Nem os comentários são precisos perante a evidência de factos que nada custa demonstrar. O mais grave, porém, é que a fábrica não recebe encomendas com compromisso de preço. Êste será o que fôr... à entrega do papel!!!

Tal situação é uma ameaça para a vida da pequena imprensa. Não são os jornais semanários os menos prestantes. Muito lhes deve a campanha do ressurgimento nacional. Positivamente, não foi só através da grande imprensa que se cultivou a mentalidade que tornou possível a obra governativa que tantos hoje aplaudem. Foi, sobretudo, a pequena imprensa que manteve sempre viva a chama da Fé e da Esperança pelo culto dos valores morais desta civilização. Além disso, quanto bem não faz em prol do regionalismo, essa imprensa chamada «pequena»?

Pois bem: na impossibilidade manifesta de aumentar ao preço das assinaturas, êsses semanários estão condenados a desaparecer, pois é impossível sustentá-los com o papel por tal preço.

Levamos ao conhecimento das autoridades competentes êste facto que é grave. Asfixiar a pequena imprensa é, além do mais, contribuir para a crise já tão aguda da classe gráfica.

Pela nossa parte acrescentaremos: o *Democrata* **começa a atravessar a maior crise de tôda a sua existência visto cada exemplar do jornal ficar mais caro do que recebe de cada assinante!**

E' tremendo o que se está passando!

A imprensa da província ou imprensa regional, que tantos serviços presta **desinteressadamente,** asfixia, quási agonisa devido ao pêso dos actuais encargos.

E ninguém lhe acode!

E ninguém vem em seu auxílio!

E ninguém aparece, com um gesto nobre, a ampará-la nesta emergência tão cheia de dificuldades!

Alguns colegas já cairam ingloriamente, abrindo um vácuo nas terras onde viam a luz da publicidade. Outros se lhe devem seguir, para só depois virem as lamentações—quando já não houver remédio.

O Democrata, sendo dos primeiros a apontar a gravidade da situação, lança hoje um novo apêlo aos assinantes da América do Norte, Brasil e A'frica, para que mandem satisfazer os seus débitos em atraso. São algumas centenas de escudos, que nesta hora grave nos daria um pouco de alento para enfrentar a crise, atenuando-lhe, diminuindo-lhe os efeitos.

Á margem da guerra

RAPARIGAS FRANCESAS TRABALHANDO NUMA FÁBRICA DE AVIÕES

Rápidos

— x —

Consta que vão ser restabelecidos brevemente os dois combóios rápidos que faziam o trajecto entre Lisboa e Porto e vice-versa, do lado da manhã e à tarde.

Julgamos que a C. P. nada perderá com isso.

Antes pelo contrário.

Nos tribunais

— o —

Por determinação do sr. ministro da Justiça, a abertura dos tribunais, depois das férias grandes, no dia 1 de Outubro de cada ano será feita com solenidade.

Para maior prestigio da magistratura e respeito pela Justiça do Estado Novo.

BRANLY

Morreu com 94 anos o sábio francês que inventou a Telegrafia Sem Fios (*T. S. F.* abreviado) descoberta científica de grande valor e perante a qual fica considerado como uma glória universal. Eduardo Branly e Marconi completaram-se, sendo em virtude dos seus estudos e trabalhos que atravessamos um mundo de emoções e de surprezas.

O desenlace deu-se na casa do campo que habitava em Limosin.

A Feira de Março abriu

mas o mau tempo prejudicou-a bastante nos primeiros dias

Amanhã—um atraente festival nocturno

No antigo e vasto campo do Rossio—a tradicional Feira de Março, com as suas barracas modernisadas, os seus *stands* de amostras, o seu Pavilhão Municipal e a parte destinada a divertimentos, é um facto.

O tempo, porém, até o meado da semana não lhe correu de feição, notando-se a falta de concorrência. Mas na quinta-feira, devido ao concurso distrital pecuário da espécie bovina, que se realizou num dos ângulos, o número de visitantes foi elevadíssimo, o que contribuiu de-veras para animar a cidade.

Neste concurso foram distribuídos os prémios abaixo mencionados:

Touros

(Turino e holandês)

1.º, João da Rocha Pata, da Gafanha da Nazaré; 2.º, José Tavares Ruela, da Murtosa; e 3.º, Joana Rodrigues dos Santos, de Sarrazola.

Novilhos—1.º, Manuel Mendes Leal, da Quinta do Picado; 2.º, José Colares Pinto, do Carregal (Ovar); 3.º, Nuno Pinto Basto, da Ermida (Ilhavo); 4.º, Manuel Simões Maia do Miguel, de Verdemilho; 5.º, Francisco de Pinho Pestana, de Fornos (Feira); 6.º, Armindo Bastos de Abreu Freire, de Pardilhó (Estarreja) e 7.º, Ana Rosa de Abreu Freire, idem.

Vacas—1.º, Maria Lebre de Oliveira, de Ilhavo; 2.º, Adelino Gomes da Silva, de Verdemilho; 3.º, António Nunes Carlos Novo, de S. Bernardo; 4.º, Serafim Tomaz, da Gafanha de Aquem; 5.º, António Nunes Nogueira, de Angeja.

Novilhas—1.º, Diamantino de Oliveira, da Moita (Oliveirinha); 2.º, Maria Rafeiro, das Ribas, (Ilhavo); 3.º, Artur Augusto Marques, de Sarrazola.

Touros

(Mirandês—Marinhão)

1.º, António da Maia Pita, de Sarrazola; 2.º Manuel Simões Maia do Miguel, de Verdemilho; 3.º, Nuno Pinto Basto, da Ermida.

Novilhos—1.º, José Tavares Ruela, da Murtosa; 2.º, Rosa Rodrigues dos Santos, de Sarrazola.

Vacas—1.º, Abílio Cruz, de Quintãs, (Aveiro); 2.º, Manuel Vieira da Silva, da Póvoa de Valade; 3.º, João Simões da Rocha, de Quintãs.

Novilhas—1.º, Manuel Maria Teixeira, de Angeja; 2.º, João Pereira Mendonça, idem; 3.º, Manuel Simões Maia do Miguel, de Verdemilho.

O júri de admissão era composto pelos srs. drs. Joaquim da Silva Portugal, adjunto da Intendência de Pecuária de Aveiro; Manuel Amador da Cruz, veterinário municipal de Aveiro e António Godinho Malheira, veterinário municipal de Estarreja. E os júris de classificação, pelos srs. drs. Joaquim Canas da Silva, da D. G. S. P.; Manuel Leitão, idem; Jerónimo Vasconcelos Coelho de Paiva, Intendente de Pecuária de Aveiro; e o sr. Manuel Fernandes Ruela, representante da Lavoura, que formavam o primeiro, e Arménio França e Silva, Director da Estação do Fomento Pecuário de Lisboa; Luiz Hilário Barreiro Nunes, da Estação Zootécnica Nacional; Joaquim da Silva Portugal, adjunto da Intendência de Pecuária de Aveiro; Reinaldo Ferreira Canha, representante da Lavoura e Dr. Artur Marques da Cunha, representante da Câmara de Aveiro, que formavam o segundo.

Presidiu o sr. dr. Joaquim Correia da Costa, delegado da Direcção Geral dos Serviços Pecuários e fez a distribuição dos prémios o sr. Governador Civil, que tinha a seu lado o Presidente da Câmara de Aveiro.

No Pavilhão Municipal executa todas as noites boa música a Orquestra Talábriga regida por João Lé, um alto falante faz os reclamos que lhe estão confiados e o resto pertence aos frequentadores do recinto, que, iluminado, é dum efeito surpreendente, visto a distância.

Para ámanhã, às 21 horas, acha-se anunciado o primeiro festival em que colaboram os *Rancho Regional de Estarreja*, e *Camponesas*, da Vacariça-Luso, que exibirão as suas danças e canções características sôbre um estrado próprio, tocando, também, algumas peças do seu reportório, a Banda da Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, que tem por regente o sr. Arnaldo de Vasconcelos. Depois outros se lhe devem seguir como indispensáveis à animação dêstes certames, constando-nos que existe o maior empenho de proporcionar aos visitantes algumas horas agradáveis todas as vezes que haja ensejo de o fazer.

Também assim o entendemos, antevendo, por isso, os melhores dias para a Feira de Março.

O novo Mercado

—x—

Começaram os preparativos para a sua construção, que vai ocupar uma grande área de terreno próximo do local onde existe o provisório.

Juntamos o nosso júbilo ao da Câmara, empenhada, há muitos anos, em conseguir êsse indispensável melhoramento.

Um filme

—o—

Encheu-se o Teatro Aveirense na noite de quarta-feira por causa da passagem do filme—*Não o levarás contigo...*—que, quanto a nós, não corresponde ao reclamo. E' uma americanice sem graça, uma palhaçada, uma coisa inverosímel, que nada diz por não ter pês nem cabeça. Ficamos lagrados. Mas como ninguém nos mandou *ir na fita* temos de nos conformar. Bem se diz que há gostos para tudo...

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje a sr.ª D. Irene dos Santos Cruz, professora oficial e esposa do sr. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal; no dia 1 de Abril, as sr.as D. Rosa Ferreira dos Santos e D. Maria da Conceição Lares Pina, dilecta filha do sr. Antero Simões Pina; as meninas Maria Adozinda e Maria da Conceição, filhas, respectivamente, dos nossos amigos dr. Vitorino Simões Cardoso, tenente-médico de Infantaria 10, e Luís Vicente Ferreira; e os srs. dr. Carlos Vidal, médico na Costa do Valado, e capitão Casimiro Marques; em 2, a gentil D. Maria Esabeth da Cruz Marques e a inocente Marília Zaira F. de Sousa, filhas, respectivamente, daquele oficial do Exército, e do sr. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito em Penafiel; em 4, a sr.ª D. Maria Celeste Soares Ferreira, esposa do sr. António da Costa Ferreira e a menina Maria Manuela de Azevedo, filha do sr. Manuel Seabra de Azevedo, nosso dedicado assinante em Sá da Bandeira (África Ocidental) e em 5, o sr. Virgílio de Almeida, chefe da Estação Telégrafo Postal desta cidade.

Partidas e Chegadas

Esteve na segunda-feira em Aveiro, dando-nos o prazer da sua visita, o sr. Platão Mendes, repórter-fotográfico do Primeiro de Janeiro, do Pôrto.

—De passagem para aquela cidade tivemos, de novo, o prazer da visita do nosso velho amigo, dr. Azevedo e Castro, desembargador da Relação.

—Também aqui estiveram alguns dias os srs. José dos Santos Jorge, guarda-livros; Leodgário Augusto de Bastos, residente em Evora, e António Ramires Ferreira, aspirante de Finanças em Gois.

Doentes

Foi no domingo acometido de doença grave o nosso bom amigo António Souto Ratola, cujo estado inspira sérios cuidados.

—Continua de cama, ainda bastante enferma, a sr.ª D. Rosa Malaquias da Naia Balacó, esposa do sr. dr. Alfredo Balacó e filha do sr. Francisco Marques da Naia.

—Não se teem agravado, felizmente, os padecimentos do nosso prezado amigo sr. José Moreira Freire, que está seguindo o tratamento indicado pela medicina.

Desejamos o restabelecimento de todos.

CARTA DE LISBOA

28 de Março de 1940

O custo da vida

Um dos problemas que está, presentemente, preocupando todo o Mundo—há que confessá-lo com desassombro e verdade—é o aumento crescente do custo da vida, fenómeno a que nenhum país pode furtar-se, por mais cuidadosas medidas que tome. Portugal, como não podia deixar de ser, sente também as consequências dêsse facto perturbador, embora em muito mais leve escala, graças às medidas a seu tempo devida e oportunamente tomadas pelo Govêrno.

Por isso mesmo, num artigo a todos os títulos notável, preciso e certo, dizia há pouco no *Século*, um dos seus inteligentes colaboradores—*M.*—referindo-se a tão importante assunto e apontando os meios que se devem empregar para evitar o agravamento do custo da vida:

«Como se deverá lutar contra êsse agravamento? A resposta à pregunta é uma interrogação viva de tôda a Europa e cada país está a dar ao problema a solução que pode. Alguns falam já na alta de salários e vencimentos e outros na alta de lucros para sugestionar a produção. Não se pode, todavia, contar muito com essas sugestões, porque a alta de salários e vencimentos, com o agravamento fatal das contribuïções, implica o aumento do custo de produção e por consequência do custo da vida. E assim se entrará em um ciclo vicioso, a que já se chamou infernal, e na verdade assim deve ser designado pelas dificuldades enormes que faz nascer e pelas perturbações a que dá causa.

«A mim parece-me que cada um deverá ir restringindo, tanto quanto puder, as suas necessidades sumptuárias e sacrificando algum luxo para não perturbar a vida do Estado, a vida de todos e, por fim, a sua própria vida. Sem dúvida que esta fase em que vivemos, esta ordem, esta relativa facilidade de vida, não chama a atenção para as dificuldades que se avisinham e que gradual e lentamente nos envolvem; mas ninguém se iluda, porque a ilusão não afasta os acontecimentos que tem fôrça bastante para a desfazer.»

Doutrina certa e a única que neste momento nos deve servir de orientação segura, graças a ela poderemos, em grande parte, vencer as dificuldades advindas das circunstâncias, das quais, embora para elas nada tenhamos concorrido, não podemos, evidentemente, deixar de sentir os efeitos.

O Norte e os Centenários

Publicado o programa oficial e definitivo das comemorações centenárias, fàcilmente se verifica o interêsse com que se procurou que essas comemorações tivessem um cunho acentuadamente nacional e fôssem não as festas dêste ou daquele lugar, mas de todo o país. E porque assim é deu-se ao Norte, berço da Nacionalidade, aquele lugar que, de facto, lhe pertencia de direito em tão solenes comemorações. De resto, nem de outra maneira se compreendia que fôsse.

O Norte é, repetimos, o berço da Nacionalidade como o Alentejo o é da Restauração. Todavia se fôsse no outro tempo já sabíamos o que aconteceria, como seriam comemorados os centenários—se porventura de tal comemoração se lembrassem. Seria, com Lisboa pifiamente embandeirada, muito vivório ôco, muito dislate e pronto! Ou não tivessemos todos nós assistido algumas vezes a comemorações históricas (?) onde as figuras celebradas desapareciam para se vitoriar apenas a politiquice mandante, como se fôsse esta a comemorada.

No Estado Novo, porém, porque tudo mudou de figura, estas coisas são, felizmente, muito diferentes.

Escolha acertada

Foi recebida com o maior aplauso a escolha feita pelo sr. Ministro da Educação Nacional do sr. Dr. Caeiro da Mata para vice-presidente da Academia Nacional da História.

Figura do maior prestígio da nossa sociedade, o ilustre professor e homem público pode, de facto, desempenhar na nova função que lhe foi acometida, um grande e admirável papel.

GIL DO SUL

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO

Apreciações

—=—

Do *Diário de Coimbra*, firmado com as iniciais S. B.:

Aveiro é essencialmente conservador no campo político e administrativo.

Conservou durante algumas décadas, à frente do seu município, Duarte Pinto Bastos (aliás Gustavo) que deu àquela cidade uma administração honesta. Mais tarde elevou à presidência da sua Câmara o distinto clínico—dilecto e dedicado filho de Aveiro—sr. dr. Lourenço Peixinho, que há 23 anos faz administração municipal inteligente e digna.

Sei que existe quem critique a sua administração, pois entendem algumas pessoas que êle não tem prestado a devida atenção ao piso das ruas da cidade, que não tem realizado obras de vulto e capazes de marcar, vincadamente, a sua passagem pelas cadeiras da governação municipal. Chega a dizer-se que não se atreveu a fazer construir um mercado digno da cidade de Aveiro, nem a fornecer água potável suficiente para o consumo da cidade.

Referindo-se às obras realizadas pela câmara:

Ninguém mais descreveu. Faço-o eu por minha conta e risco, pensando que não ofendo a verdade em relacionar aquelas que se vêm sem óculos de longo alcance.

Construção do hospital, Parque da Cidade e a Avenida Central. Não quero citar as pequenas obras que, reunidas, são de vulto.

Isto quer simplesmente dizer que não há maneira de ocultar uma obra que está à vista.

Mas se o dr. Lourenço Peixinho a tem realizado e trata de a ampliar com a construção dum mercado e o abastecimento de água à cidade, achamos que não se devia misturar o seu nome com o daquele a quem Aveiro, se alguma coisa deve é a permanente vontade de dizer mal de tudo e de todos, sem respeito pela verdade e com o agravante de, ainda por cima, pretender desvirtuar as intenções mais honestas e generosas dos que até substituem por trabalho proficuo e útil... a resposta às diatribes dos detractores.

Nada, pois, de confusões e misturas!

Cada um no seu logar.

Por causa das dúvidas.

E das môscas...

Cartas a uma amiga de longe

Março, 1940

Querida amiga:

Depois do dia da Paixão de Cristo e das cerimónias que se prendem a êle, vêm as tristezas do Calvário e a morte de Jesus.

As igrejas, brancas e floridas, têm nêsse dia um aspecto sombrio. Sem flôres, com os santinhos, sorridentes, cobertos, de grandes círios junto ao túmulo do Senhor, ornamentadas de negro, rescendem ao rosmaninho. O «sermão das lágrimas», o ruído sêco da tampa do sepulcro que cái sôbre o corpo do Salvador do Mundo, a escuridão da noite que alastra lá fora e a sexta-feira santa vai findar.

Aos grupos, vestindo luto, os fiéis saiem da igreja. Abafados pela distância, ouvem-se, ao longe, os últimos compassos da marcha fúnebre, que, pianinhos, cada vez mais distantes, se vão extinguir nas naves escuras.

O dia da Aleluia amanhece soberbo. Há flôres, há sol, há perfumes de Primavera. Andam canções no ar, há alegria nos corações.

Onze horas da manhã.

Os sinos tocam festivos e alegres, no ar estalam foguetes. O dôce Rabi, de olhar sereno e bom, subira aos céus! As raparigas põem ao peito as mais vistosas flôres do jardim para «ganharem o folar e as amêndoas».

No Domingo de Páscoa, antes de amanhecer, sái o velho prior com a sua comitiva—os meninos de côro com as caldeirinhas de água-benta, o da opa, que leva a Cruz, e os que transportam das casas o folar para o senhor abade. E a campainha, a anunciadora do compasso, toca, toca sempre, infatigável e alegre, desde o nascer do sol até à sua entrada na igreja. Nas cidades é êste um acontecimento sem nenhuma solenidade. Na aldeia, porém, é dia de azáfama e movimento. Na sala nobre prepara-se a cama para o Senhor, servindo para tal a cólcha mais luxuosa da casa. Ao lado dêste pseudo leito onde colocam a Cruz, fica a mêsa onde se serve o chá ao senhor abade, um chá variadíssimo e fino. Lá dentro fica o resto da comitiva, às voltas com o vinho tinto e pão de ló, em animada confraternização com os criados e caseiros. E a casa rescende a erva dôce e ao rosmaninho...

Nos lares pobresinhos onde não há pão, põem junto ao oratório uma laranja com cinco tostões espetados. E o abade, quando chega, pega com uma das mãos no hissope e com a outra no «fruto delicioso»...

E assim se passa o dia. Palmilhando montes e vales, povoados e despovoados, aquela comitiva vistosa e berrante, dá por terminada a visita quando a noite desce e ao toque nostálgico das Avé-Marias.

Junto ao passal, os últimos foguetes estalam mansamente na serenidade dum céu de Primavera.

Um abraço da

Zèmi

Ver a 4.ª página

Necrologia

Num quarto particular do Hospital finou-se na penúltima sexta-feira de manhã o sr. José Simões Maio, natural do próximo lugar de Aradas e que há pouco havia chegado, doente, do Brasil onde fôra tratar dos seus negócios.

Muito delicado e atencioso, o extinto, que era casado com a nossa conterrânea sr.ª D. Preciosa de Jesus Moreira, professora de ensino primário, deixa o mundo com 47 anos, apenas, causando a sua morte, principalmente na freguesia onde nasceu, a maior consternação.

O seu funeral, efectuado no dia seguinte, ao fim da tarde, para o cemitério central, foi bastante concorrido não só por gente da sua terra, mas também da cidade, onde possuía muitas relações, tendo conduzido a chave da urna o sr. dr. António Simões de Pinho, advogado na comarca.

O sr. José Simões Maio era cunhado das sr.as D. Angélica Moreira Trindade, esposa do sr. João José Trindade; D. Eduarda Moreira e D. Elvira Moreira da Costa, residente no Porto com seu marido, o sr. Júlio Costa Júnior.

A todos, mas especialmente à viúva, endereçamos sentidas condolências.

* * *

No Alboi sucumbiu no mesmo dia, com 62 anos, o sr. Sansão de Matos Bandarra a quem numerosas pessoas, igualmente, acompanharam à última morada.

Era casado, irmão do sr. Francisco de Matos Júnior e tio da nossa conterrânea sr.ª D. Margarida da Costa Leitão, residente na capital.

* * *

No Pôrto também se finou em casa duma filha, casada, o sr. Alfredo Manso Preto, muito conhecido nesta cidade.

Foi empregado da Hidraulica, da Câmara e da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro, tendo-se distinguido em todos os logares que desempenhou pela sua actividade e competência.

A-pesar-dos seus 85 anos mostrava ainda a rigidez de que fôra dotado e um pouco da sua antiga energia física, de que se servia para evidenciar o seu amor ao trabalho, que só abandonou quando a família lhe fez ver que era tempo de descançar.

Sentimos a morte do sr. Manso Preto.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, D. Maria dos Santos Carneiro Ferreira, de 72 anos, natural de Vila Nova de Poiares e casada com o sr. José Augusto Ferreira; Inácia Rosa Páscoa, viúva, de 71 anos, moradora no bairro piscatório, e Ana Emília da Silva Rocha, viúva, de 80, natural de Capa Rosa, (Tondela); e em *Taboeira*, Manuel Dias Nunes, casado, de 41, aposentado da P. S. P.

Domingo de Páscoa

—o—

Albertina, como de costume, levantou-se cêdo.

Depois de proceder à sua «toilette», simples mas cuidada, tratou dos arranjos da pequena casinha onde vivia.

No seu rôsto de boneca transparecia o quer que fôsse de estranho, de invulgar. Parecia esperar alguma coisa em que depositava a sua derradeira esperança. E' que já eram passados alguns mêses após a última carta do seu querido companheiro de infância, António, a quem já tinha dado o melhor da sua alma, o seu amôr imenso.

Essa maldita guerra, cujos horrores já tão seus conhecidos, pela descrição freqüente de seu pai, antigo combatente, havia-lho arrebatado, com civismo, dias antes da época marcada para o seu noivado.

Enquanto, cheia de ansiedade, aguarda, de ouvidos álerta, que, no fundo da escada, o velho distribuídor, pronuncie a já tão estafada palavra—*correio!*—vai deixando evolucionar a sua fértil imaginação através daqueles momentos inexqueciveis, passados junto do seu querido.

O carteiro chega. Dum salto precipita-se para êle e percorre com a vista tôda a correspondência que lhe acabava de dar.

Nada!

—Nem no dia de Páscoa êle se lembra de mim! Que infeliz eu sou!...

E num chorar convulso que a agita tôda, entrega-se à sua dôr.

Rosa Maria, sua irmã mais nova, procura animá-la.

—Não vês que os pais de António ficarão ainda mais tristes se te virem chorar?

Albertina levanta ao Céu os olhos negros, ainda lacrimosos, e recobra, lentamente, o ânimo perdido. Não tinha o direito de ainda marterizar mais os seus queridos tios, que sofriam a mesma dôr.

Nada, porém, há, que a distráia, que a anime.

Procura, debalde, qualquer coisa que lhe desvie a atenção. Abre os jornais acabados de chegar e percorre, ao acaso, aquelas linhas que lhe fugiam.

De súbito, parou.

As feições contrairam-se num esgar de loucura. Os olhos brilhantes pareciam querer sair-lhe das órbitas e o corpo distendia-se-lhe em contrações descompassadas.

—Será possível, meu Deus?—disse num grito lancinante que ecoou por tôda a casa, a que se seguiu um ruido surdo, como de massa inerte ferindo o sobrado.

. . . .

Com os corações despedaçados e a alma amortalhada em crepes de rigoroso luto, aquelas duas famílias, que viviam no mesmo prédio, estavam reunidas, como de costume, juntando suas lágrimas no mesmo pensamento.

Quão diferente aquele quadro era do que se repetia já há muitos anos e em que na companhia de António se comemorava festiva, e alegremente, o domingo de Páscoa!

E automàticamente todos, em preces isoladas, mas que se dirigiam para o mesmo ponto, invocavam, percorridos por uma dôr acerva o nome de António, ferido mortalmente em combate, longe dos que lhe eram queridos, conforme anunciava aquele maldito jornal.

Albertina, a-pesar-do seu estado, apelando para tôdas as energias, abandonou o leito para se reunir à restante família. No seu semblante, porém, ainda estavam bem nitidas as cicatrizes do choque rude que a ferira e a sua agitação era denunciadora do maior desgôsto. Quanto não daria ela para, naquele momento, estar a velar o corpo do seu amante, talvez crivado de balas inimigas e caído no *campo de ninguém*...

Três pancadas sonoras e compassadas caem na porta.

Como uma onda, um raio de esperança atravessou aquelas almas sofredoras. Olham-se impacientes, como que interrogando-se mutuamente.

Impelida por extraordinário pressentimento, Albertina corre a abrir.

Um novo grito de tonalidade diferente atravessa o timpano de todos aqueles sêres, que vão encontrar Albertina nos braços do seu António querido, quási desfalecida, embora os seus olhos espelhassem já uma felicidade sem igual.

Perante tamanha alegria, a tristeza que invadia aquelas almas desapareceu.

E assim se comemorou, cheio de animação, o regresso de António e mais um *Domingo de Páscoa*.

Viseu, Páscoa 1940.

ANTONIO TUDELA

Correspondências

Eixo, 18

Realizou-se aqui mais uma festa escolar promovida pela a *Assistência e Educação* e abrilhantada pela Banda Eixense, na qual tomaram parte as crianças das escolas dos dois sexos.

Depois de distribuídas algumas peças de vestuário a todos os alunos pobres, devido à generosa dádiva do ilustre filho desta terra, sr. José Fernandes Mascarenhas, organizou-se o cortejo do costume para a plantação de algumas árvores. Em seguida teve lugar uma sessão solene durante a qual as crianças cantaram vários hinos e recitaram, agradando muito.

Falou também o presidente da Associação sôbre a necessidade dela se manter, referindo-se, com justiça, ao acto de benemerência que acabava de ser praticado pelo dedicado conterrâneo e nosso bom amigo sr. José Mascarenhas.

No que, porém, foi infeliz foi na parte em que se referiu à sua pretensa *tesura* administrativa, visto faltar-lhe a autoridade para o fazer. E isto por causa da botica... do *demongra* da botica...

E' que não está certo, não é moral, nem mesmo legal, que sendo presidente, seja o único fornecedor de remédios aos pobres da *Assistência*, havendo outra farmácia na terra. A botica tem sido e há-de ser sempre o pômo de discórdia permanente daquela benéfica associação. Que o pudesse mandar dizer do outro mundo o nosso saüdoso médico, Dr. Eduardo Moura...

Além disso é preciso ainda ir àquela verba dos medicamentos e reduzi-la a metade, inscrevendo outra no orçamento para assistência alimentar aos pobres, pois êstes precisam que lhes deem mais pão e menos drogas...

Por o sr. José Mascarenhas fôram ainda contemplados, com cortes de fazenda, bastantes pobres da frèguesia.

Bem haja.

C.

Idem, 25

Em Válega realizou ontem o seu casamento civil e religioso o laureado quintanista de medicina, sr. Sizenando Evaristo Rodrigues Ribeiro da Cunha, filho do nosso estimado médico municipal, sr. dr. Carlos Alberto Ribeiro, com a sr.ª D. Maria Virgilia Andrea de Andrade Pais, filha do sr. dr. João Andrade Pais, abastado proprietário naquela localidade.

Serviram de padrinhos: pela noiva a sr.ª D. Izabel de Pinho e o pai desta, sr. José de Pinho; e pelo noivo, o sr. Luiz de Melo do Rego e a sr.ª D. Amélia de Albuquerque.

Aos noivos, que partiram em viagem de núpcias para o Buçaco, fôram oferecidas muitas e valiosas prendas e aos mesmos, pelas primorosas qualidades morais que os exornam, todos auguram uma vida suave e venturosa.

Daqui lhes enviamos as nossas sinceras felicitações.

—Também realizou o seu casamento no Porto, o sr. Manuel Dias Morgado, factor do C. F. do Vale do Vouga, com sua prima D. Constança de Azevedo. Aos noivos, que aqui fixaram residência, desejamos também uma vida feliz.

—De visita a suas famílias vieram aqui passar a Páscoa, acompanhados de suas esposas e filhos, os nossos amigos dr. Orlando de Melo Rego, distinto advogado em Lisbôa, Edmundo Coelho de Magalhãis, acreditado industrial no Porto, e Carlos da Rocha Figueiredo, proprietário no Minho e nesta localidade.—C.

Quintans, 28

Ao despontar da Primavera e também na primavera da vida, pois contava, apenas, 26 anos, deixou de existir a semana passada uma das raparigas mais bonitas e prendadas dêste lugar. Chamava-se Conceição Benavente e era casada com Manuel dos Santos Neves, empregado no frigorífico de Santos, em Lisbôa, deixando do matrimónio duas interessantes crianças, que eram todo o seu enlêvo.

Filha do lavrador Luiz Nunes Torrão, o entêrro da inditosa, que sofreu nos últimos mêses bastante, foi a prova das muitas simpatias que disfrutava entre nós, sendo, por isso, raras as pessôas a quem as lágrimas não rebentassem, pelo menos, ao vê-la partir a caminho do cemitério.

A' saüdade dos que pranteiam a desventurada Conceição, juntamos estas palavras de sentimento pela sua morte.

—Com sua esposa e filhinho esteve entre nós o amigo Arnaldo Neto, aspirante de Finanças em Castelo de Paiva.

—A gatunagem assaltou ultimamente a residência do sr. Francisco Simões da Rocha, donde levou grande quantidade de milho, e o armazem da C. U. F.

Algum dia...—C.

Mamodeiro, 28

Vai realizar-se no sábado, domingo e segunda-feira a tradicional festa dos folares com música e foguetes durante os três dias e que há anos se não fazia por divergências suscitadas.

As bandas contratadas são as do Souto (Vila da Feira) e a nova, de Fermentelos, havendo também festa de igreja e procissão em honra da Senhora da Anunciação.

Se o tempo o permitir deve ser enorme a concorrência de forasteiros aos arraiais tanto noturnos como diurnos, isto a avaliar pelo que costuma a acontecer em igualdade de circunstâncias.

E' que o povo também precisa espairecer um pouco as agruras da vida e nada melhor para isso do que uma festa rija na sua aldeia.

C.

Costa do Valado, 28

Veio aqui passar a Páscoa com sua esposa o nosso conterrâneo, sr. José Rodrigues Ferreira, residente em Lisboa.

—No salão Primavera realizou-se domingo outro baile, que decorreu animado.

—Da Póvoa esteve cá um grupo de dançarinos que, no mesmo dia, de tarde, se exibiu pelas ruas, dando as boas festas.

Agradou.

C.

Esgueira, 27

A fonte da *Biquinha*, como é conhecida pelo povo, está a precisar dum conserto radical, pois tal como está em chegando o estio deve ficar sem água.

A quem de direito pedem-se providências.

—A passar a Páscoa estiveram entre nós os srs. Manuel Maia Júnior, aspirante de Finanças em Ancião, Serafim Gonçalves de Oliveira e José Marques de Sousa, residentes em Lisboa, e o estudante Manuel Fernandes da Silva Júnior.

—Pelo falecimento, na flôr da idade, do sr. Manuel Gilzans, ocorrido em Alfarelos, encontra-se de luto a simpática tricaninha Rosa Martins Gilzans.

O extinto era também irmão do sr. João Martins Gilzans e cunhado do sr. Manuel de Oliveira Freire, ali residentes.

Os nossos sentimentos.

—Repentinamente também faleceu na segunda-feira, tendo sido ontem sepultado, o sr. Gonçalo Nunes dos Santos, que deixou o mundo com 66 anos.

Era casado, tinha oito filhos e no seu entêrro incorporaram-se numerosas pessoas.

Aos doridos, sem excluir seu irmão, o sr. António Nunes dos Santos, as nossas condolências.—C.

Benemerência

—x—

Da sr.ª D. Elvira Moreira Costa e marido sr. Júlio Costa Júnior, residentes no Porto, recebemos para os pobres protegidos pelo *Democrata* a quantia de 20$00, como sufrágio da alma de seu cunhado, o sr. José Simões Maio, falecido na pretérita semana.

Os nossos agradecimentos.

ELISA HENRIQUES PEREIRA

Missa

Passando na próxima terça-feira, dia 2 de Abril, o 1.º aniversário do seu falecimento, sua família manda resar missa por sua alma, nêsse dia, pelas 9 horas, na Sé Catedral.

Antecipadamente agradece a todos os que comparecerem a êste acto.

Mútua Nacional de Seguros

AVEIRO

Balanço em 31 de Dezembro de 1939

ACTIVO

Actividade Seguradora;		
VALORES AFECTOS ÁS RESERVAS:		
Depositado na Caixa Geral de Depósitos:		
Numerário	72.644$30	
Titulos	301.395$60	374.039$90
Contas de Resseguro:		
Ressegurados		29.012$91
Actividade Sócial:		
Devedores e Credores (S. D.).		200$00
Actividade Financeira:		
Móveis e utensilios		500$00
Depósitos à ordem:		1.192$25
Caixa		56.095$64
Soma do Activo . .		461.040$70

PASSIVO

Actividade Seguradora:	
CONTAS DE RESSEGURO:	
RESERVAS DE RESSEGUROS TOMADOS:	
Reservas de Garantia	10.000$00
Actividade Social:	
Capital de Garantia . . .	250.000$00
Actividade Financeira:	
Fundo de Reserva Legal . . .	34.161$83
Reservas Livres	133.106$12
«LUCROS E PERDAS»	33.772$75
Soma do Passivo . . .	461.040$70

Desenvolvimento da conta «Lucros e Perdas» em 31 de Dezembro de 1939

DÈBITO

Actividade Seguradora:		
CONTAS DE RESSEGURO:		
Reserva de Resseguros tomados . .		10.000$00
Comissões de Resseguros tomados .		4.790$97
Actividade Financeira:		
Contribuições Estadoais. . .		50$40
DESPESAS GERAIS:		
Pessoal.	2.000$00	
Material	8.113$05	10.113$05
Despesas Judiciais		1.545$00
SALDO		33.772$75
Soma do débito . . .		60.272$17

CRÉDITO

Actividade Seguradora:	
CONTAS DE RESSEGURO:	
Prémios de Resseguros tomados . .	47.909$83
Actividade Financeira:	
Juros das Reservas Técnicas . . .	12.345$14
Juros de Depósitos à Ordem . . .	17$20
Soma do Crédito . .	60.272$17

Aveiro, 31 de Dezembro de 1939.

O Conselho de Administração,

a) Dr. José Maria da Silva
a) João Rodrigues Testa Júnior
a) António José dos Santos

Santos, Mónica & Lau, Limitada

Por escritura de 26 de Fevereiro do corrente ano, lavrada nas notas do notário desta cidade, Dr. Adelino Simão Leal, os srs. João dos Santos, Manuel Maria Bolais Mónica e Amândio Matias Lau constituíram entre si uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, que será regulada nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a firma **Santos, Mónica & Lau, Limitada**, e tem a sua sede no local da Gafanha, freguesia da Nazaré, concelho de Ilhavo.

2.º

O seu objectivo é exclusivamente a exploração da indústria de transportes marítimos.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início desde hoje.

4.º

O capital social é de 90.000$00, dividido em três cotas de 30.000$00 cada uma, pertencendo uma a cada sócio, e todas já integralmente realizadas em dinheiro.

5.º

Todos os sócios são gerentes, sem remuneração nem caução, exercendo todos os seus cargos e lugares conforme em assembleia geral fôr determinado, ficando desde já nomeado caixa o sócio João dos Santos.

6.º

A sociedade será representada em juízo e fora dêle, activa e passivamente, por dois dos gerentes, mas a compra de qualquer navio ou mercadorias que importem responsabilidade para a sociedade de valor superior a 5.000$00 só poderá ser feita com o consentimento unânime de todos os sócios.

7.º

A cessão de cotas fica dependente do consentimento da sociedade, que reserva para si o direito de opção, e a divisão de qualquer delas fica autorizada só quanto a herdeiros de sócio falecido, fazendo-se todos êles representar na sociedade por um só.

8.º

O ano social é o civil, e o balanço de cada exercício deverá ser encerrado e apresentado à assembleia geral até ao fim do mês de Fevereiro.

9.º

Todos os sócios desta sociedade são cidadãos portugueses no gôzo dos seus direitos, como português é todo o capital social, tomando todos o compromisso de não ceder as suas cotas ou parte delas a cidadãos ou entidades estrangeiras, e bem assim de não entregarem a estrangeiros a gerência desta sociedade, tudo nos termos das leis em vigor e designadamente dos decretos n.os 15:360, artigo 8.º e seu § 1.º, e 16:639.

10.º

Esta sociedade não se dissolve por morte, interdição ou vontade de qualquer sócio, mas sim nos termos da lei.

11.º

O fundo de reserva legal é de 5 por cento, se outro maior não fôr deliberado por acôrdo dos sócios.

12.º

Em todo o omisso regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação aplicável.

Aveiro, 27 de Fevereiro de 1940.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

Raúl Ferreira de Andrade.

Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

No dia 30 do corrente mês de Março, pelas 14 horas, no lugar de Mataduços, da freguesia de Esgueira, desta comarca e nas moradas do José Tavares de Oliveira e mulher Rosa Marques de Oliveira, se há de proceder à arrematação em hasta pública, entregando-se a quem mais der além do valor em que vão à praça, os móveis, louças e demais objectos que foram penhorados aos executados Francisco José Marques de Oliveira, padeiro e Rosa de Jesus Carlos, doméstica, moradores na vila e comarca de Torres Vedras, na execução por custas e selos que lhes move o Ministério Público.

E' depositário dos móveis, louças e objectos a arrematar Manuel Dias dos Santos, casado, industrial, do mesmo lugar de Mataduços.

Aveiro, 12 de Março de 1940.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara
A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção da 2.ª Vara
António Augusto dos Santos Victor

Comarca de Aveiro

Editos de 20 dias

2.ª publicação

Por êste Juízo de Direito e 1.ª secção da 2.ª Vara Judicial correm éditos de 20 dias a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os crèdores desconhecidos do executado Liberto Canha da Silva Pereira, solteiro, motorista, de Aradas, desta comarca, para virem à execução por multa e imposto de justiça que contra o referido executado move o Digno Agente do Ministério Público e deduzirem os seus direitos nos termos do art.º 865 do Código de Processo Civil.

Aveiro, 13 de Março de 1940

O Juiz de Direito da 2.ª Vara Judicial
A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção
António Augusto dos Santos Victor